



Universidade de Brasília

Repositório Institucional da Universidade de Brasília
repositorio.unb.br



Autorização concedida ao Repositório da Universidade de Brasília (RIUnB) sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar crédito ao autor.

Não Comercial — Você não pode usar o material para fins comerciais.

Sem Derivações — Você não pode remixar, transformar ou criar a partir do material.



Authorization granted to the Repository of the University of Brasília (RIUnB) under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit.

NonCommercial — You may not use the material for commercial purposes.

NoDerivatives — You cannot remix, transform, or build upon the material.

MUSEOLOGIA

Nas Trilhas
do Patrimônio Cultural
Volume I



Brasília DF
Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
2015

MUSEOLOGIA

Nas Trilhas
do Patrimônio Cultural
Volume I

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

MUSEOLOGIA

Nas Trilhas
do Patrimônio Cultural
Volume I

Brasília DF
Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
2015

Coordenadora do Curso de Museologia

Profª. Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes

Coordenadora do Projeto *Por muito mais que 50 anos: Salvaguarda do Patrimônio Cultural da Universidade de Brasília*

Silmara Küster de Paula Carvalho

Projeto gráfico e diagramação: Hagnner Küster de Paula

Ilustrações: Tânia Mara Pinheiro

Revisão: Cleonice Fritoli

Imagem da Capa: Museu de Favela RJ

Realização: Universidade de Brasília - FCI - Curso de Museologia
Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa dos Direitos Difusos
Ministério da Justiça - Secretaria Nacional do Consumidor

Apoio: Biblioteca Central da UnB e Faculdade de Ciência da Informação

Agradecimentos: Mario de Souza Chagas, Mirela Araújo e Inês Gouveia

Q3m Queiroz, Marijara Souza.
Museologia [recurso eletrônico]/ Marijara Souza Queiroz.
Brasília : UnB, FCI, 2015.
45 p. : il. – (Nas trilhas do patrimônio cultural ; v. 1)

Documento em PDF
Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-88130-39-5.

1. Museologia. 2. Museus. I. Título. II. Série.

CDU 069.01

SUMÁRIO

- 07** **INTRODUÇÃO**
- 11** Rememorando
- 15** Então museu é o lugar de coisas antigas?
- 19** Museologia ≠ (ou = ?) Museus
- 23** De que forma essas mudanças se apresentam?
- 31** Museologia Social
- 33** Pelo direito de decidir o que será preservado
- 39** Qual o papel do Museólogo?
- 42** Para saber mais
- 44** Referências

INTRODUÇÃO

Esta publicação é parte da série “Nas Trilhas do Patrimônio Cultural”, composta por cinco volumes. O primeiro, **Museologia**, reflete o desejo de aproximação dos leitores a esta área de conhecimento, difundida pelo seu principal veículo de comunicação – o Museu – que, contraditoriamente, está distante da maioria da população, que deixa de usar e de se apropriar das ferramentas culturais que envolvem o campo dos museus e da museologia. O segundo volume, **Museus**, apresenta um panorama nacional e internacional da formação dos museus, sendo o de Alexandria o mais representativo de que se tem registro. O terceiro volume, **Coleções**, aborda a formação de coleções e apaixonados por elas, os colecionadores, além de algumas curiosidades sobre o tema. O quarto, **Museus de Ciência e Tecnologia**, chama-nos a atenção para o fato de serem instituições que visam a divulgação de conhecimentos específicos de algumas ciências exatas e/ou da natureza – como biologia, física, química, matemática, geologia, astronomia, entre outras – e/ou de áreas da tecnologia e, por fim o quinto volume, **Conservação de Bens Culturais** está voltado à preservação de objetos dos museus. Todos os volumes estão relacionados ao campo dos museus e da museologia como forma de divulgar a importância da preservação da nossa história e memória cultural. O Curso de Museologia da Universidade de Brasília se sente honrado em apresentar ao público juvenil a série Nas Trilhas do Patrimônio Cultural. Esta série faz parte do Projeto Por Muito mais que 50 anos: Salvaguarda do Patrimônio Cultural da Universidade de Brasília, selecionado através de edital do Ministério da Justiça/CFDD/SENACON.

Cara(o) Estudante...

Olá, tudo bem? Eu sou um **museólogo** vou te acompanhar neste passeio sobre Museologia...
Vamos aprender juntos nesta viagem!!!



REMEMORANDO

A museologia surgiu como campo de conhecimento a partir da demanda gradualmente gerada pelo surgimento dos museus (séc. XIX) no formato em que os conhecemos hoje – instituição cultural aberta ao público e a serviço da sociedade.

A principal função do museu era preservar referências culturais a partir de objetos do cotidiano, obras de arte, relíquias sagradas e até espécies naturais relacionados a diversos grupos sociais e territórios geográficos.

O objetivo do museu era reunir o maior número possível de itens que trouxessem informações sobre tudo que existisse no mundo como forma de ampliar o conhecimento dos proprietários ou usuários das coleções.

Mas... para quê?



Segundo o historiador Jaques Le Goff, através desses objetos reunidos em coleções, que podem ser considerados documentos ou testemunhos da nossa história, é possível manipular a memória coletiva de uma população, o que é uma preocupação das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas.

Mas reter a memória não é o único motivo de se acumular artefatos, há também o desejo de preservá-los para as gerações futuras.

O ser humano, desde a época das cavernas, sempre se preocupou com os registros de sua passagem pela terra, seja para fins de comunicação ou como forma de manter-se vivo para os seus descendentes através dos seus vestígios. Há ainda os que colecionam apenas pelo prazer de acumular relíquias ou de contemplar obras consideradas raras.



Durante muito tempo, entre os séculos XIX e XX, os museus serviram para preservar os registros de memória e a visão de mundo dos colecionadores, que, em geral, pertenciam às classes economicamente mais favorecidas, numa tentativa de controlar passado, presente e futuro da sociedade.

O universo da memória está presente no campo dos museus e da museologia, segundo o professor Mario Chagas:

“o diferencial não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação desse poder a serviço do desenvolvimento social” e das comunidades menos favorecidas, já que o museu tem na sua trajetória histórica um papel de legitimador de povos, culturas e histórias.



ENTÃO MUSEU É O LUGAR DE COISAS ANTIGAS??

O museu é também o lugar de se preservar coisas antigas, se estas coisas forem importantes para ajudar a compreender nossa própria história, para nos situar enquanto grupo social e nos reconhecer como indivíduos políticos. A importância desse reconhecimento se dá para fins de valorização da própria cultura e das diferenças culturais, étnicas e raciais de outros grupos sociais. Pensando assim o museu também é o lugar de coisas novas, até mesmo de novas reflexões sobre aquilo que é antigo. Por isso, em 2009, após muitas discussões, o Instituto Brasileiro de Museus, órgão responsável por pensar políticas públicas para o campo dos museus brasileiros, estabeleceu alguns princípios fundamentais dos museus, dos quais destacamos:

“A valorização da dignidade humana; a promoção da cidadania; a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural”.



Estes princípios extrapolam as tradicionais funções de um museu: coletar, preservar, documentar/pesquisar e expor. Por isso mesmo, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) redefiniu o museu como:

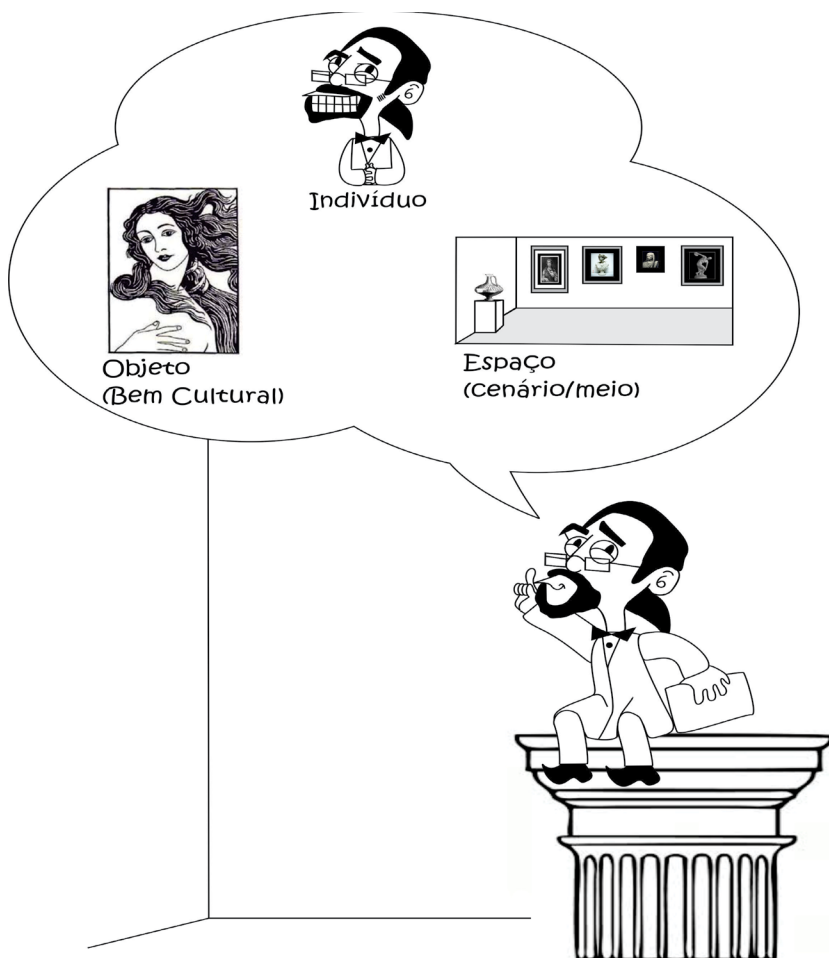
“Uma instituição permanente sem fins lucrativos a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire e conserva, pesquisa, comunica e expõe com finalidade de estudo, educação e entretenimento a evidência material do homem e de seu ambiente”.

É nesse contexto ampliado do papel dos museus na sociedade que surge a **museologia** como área de conhecimento aplicado a uma prática, inicialmente nos museus e, atualmente, em qualquer ambiente onde ocorra o fato museal. Segundo a primeira museóloga brasileira, **Waldisa Russio**, fato museal é o resultado das relações humanas com os objetos que nos cercam e o meio em que vivemos.



Maria Célia Santos, museóloga brasileira, refletiu e traduziu essa fórmula em termos práticos e aplicáveis, denominando-a processo museológico, que pode ser representado pela inter-relação de diversas ações praticadas no museu de forma interativa, junto à comunidade, de modo a enriquecer a prática social.

Vejamos a representação:



O significado de cada ação envolvida no processo museológico:

- **Pesquisa:** investigação e construção do conhecimento para alimentar todas as ações museológicas em processo e contribuir para a construção de novas práticas sociais.

- **Preservação:** envolve as etapas de coleta– identificação e seleção do bem cultural; classificação e registro– sistematização e documentação do acervo; conservação–atitudes de prevenção ou de recuperação de perdas ou danos a um bem material.

Comunicação: envolve as diferentes formas de interação e diálogo com o público, sendo a exposição sua principal manifestação, como também as ações educativas a elas associadas.

Esta compreensão agregou às instituições museais um compromisso maior na internalização do complexo processo de elaboração, uso e significado de seus patrimônios. Daí a necessidade de ampliação dos conhecimentos específicos da área, como também da possibilidade de agregar outras áreas de conhecimento – história, artes, antropologia, sociologia, pedagogia, etc.



MUSEOLOGIA ≠ (OU = ?) MUSEUS

O museu é um fenômeno social, já que sua existência concreta não é natural – o museu não nasce, não brota –, ele é resultado da ação humana. A museologia se confunde com o museu por ser um conhecimento aplicado à prática que em geral ocorre no museu.

A museologia é uma ciência que não se limita ao estudo dos museus e de suas coleções, pois ela busca compreender a nossa relação com os bens culturais e o mundo que nos rodeia.

Este entendimento atual dependeu de muitos debates e discussões polarizadas envolvendo vários profissionais de museus e teóricos da área.



Especialmente nas décadas de 1970 e 1980, as questões giravam em torno de entender:

Qual o campo de atuação da museologia?
Qual seu objeto de estudo?
Qual sua função junto à sociedade?

Segundo a professora Suely Cerávolo, o marco inicial dessa discussão teórica e metodológica foi a criação do **Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM)**, ligado ao ICOM. O objetivo do ICOFOM era identificar na museologia discussões sobre uma teoria de fundo científico incorporando os problemas das práticas para dar uma face mais contemporânea à profissão. A ideia era que teoria e prática se alimentassem simultaneamente.

Inicialmente a pluralidade de opiniões e questionamentos dividiu o grupo entre “**os práticos**” – que consideravam o museu e suas práticas o eixo central da museologia – e “**os teóricos**” – que acreditavam que a museologia não se limitava à materialidade do museu, pois era mais uma ação do que uma instituição.



Nessa atmosfera favoravelmente controversa ocorreram eventos importantes para o desenvolvimento da museologia como campo de conhecimento científico, dentre os quais podemos destacar:

Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972): defendeu a ideia de Museus Integrais como meio de proporcionar à comunidade uma visão conjunta de seu meio material e cultural; o uso do museu como instrumento de mudança e desenvolvimento social; ênfase na interdisciplinaridade.

I Atelier Internacional para uma Nova Museologia – Quebec, Canadá (1984): preocupou-se com as questões sociais, culturais e econômicas; rompeu com paradigmas convencionais - Nova Museologia versus Museologia Tradicional; Museologia Social versus Museologia de Coleções.



Essas discussões determinaram o desenvolvimento da museologia contemporânea:

MUSEOLOGIA TRADICIONAL	MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEA
Museu = Edifício	Território(s) museal(is)
Coleções	Patrimônios (material e imaterial)
Público/visitante	Comunidade participativa (protagonistas sociais)
Função educadora	Museu como ato pedagógico para o desenvolvimento

Quais os benefícios dessas mudanças?

O museu passa a atuar independente de sua tipologia e do seu acervo, como um canal de comunicação com a sociedade;

Redefinição das práticas de comunicação para favorecer o diálogo com os diversos públicos;

Implantação de cursos universitários para a formação de profissionais da Museologia;

Surgimento de novas tipologias de museus (itinerantes, ecomuseus, museus de vizinhança, museus de território ou de percurso etc);

Valorização da ação museológica em comunidades, independente da instituição museu.

DE QUE FORMA ESSAS MUDANÇAS SE APRESENTAM?

A noção de patrimônio como um bem público pertencente a uma nação e ao seu povo não é recente, remete-nos ao final do século XVIII e início do XIX, pós-Revolução Francesa. Entretanto, a dimensão ampliada da noção de patrimônio, nos moldes em que a museologia se apropriou, conforme apresentado acima, desenvolveu-se na segunda metade do século XX, após a II Guerra Mundial, o que favoreceu uma diversidade museal brasileira que pode ser aqui exemplificada:

A Língua como patrimônio



MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, SÃO PAULO, SP.

<http://www.estudiocarlosfortes.com/pt-BR/projects/museum-of-portuguese-language>

O Futebol como patrimônio



MUSEU DO FUTEBOL

Fonte: <http://dikakids.com.br/2013/11/museu-do-futebol/>

Arte e paisagismo como patrimônio



MUSEU INHOTIM. BRUMADINHO, MINAS GERAIS

Fonte:<http://www.fdc.org.br/hotsites/mail/conference/2014/pt/inhotim.html>

As tradições populares como patrimônio



FESTA DO DIVINO

Fonte:<http://blog.brasiliturista.com.br/festa-do-divino-espirito-santo-2012/>

As pessoas (qualquer pessoa) como patrimônio

The screenshot shows the website 'Museu da Pessoa' with the tagline 'Uma história pode mudar as joias de um mundo'. The page features a search bar, navigation links (Entenda, Explore, Apoiar, Participe, Contato), and a main article titled 'Quando meus pais se conheceram' published on 10/10/2014. The article text describes the meeting of Luíz Paulino do Nascimento and Maria Conceição dos Santos in 1932. Below the article is a 'Apresentação' section and a row of partner logos including NBSB, Consul, WHITE MARTINS, AngloAmerican, and Promon. A footer menu contains links for Entenda, Explore, Apoiar, Participe, and Contato.

MUSEU DA PESSOA

Fonte: <http://www.museudapessoa.net/pt/intro-conte-sua-historia>

Sítios arqueológicos musealizados



PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA,
SÃO RAIMUNDO NONATO, PI.

Fonte: <http://historiasecenariosnordestinos.blogspot.com.br/2013/10/parque-nacional-serra-da-capivara.html>

Parques indígenas musealizados



PARQUE NACIONAL INDÍGENA DO XINGÚ, MATO GROSSO

Fonte: <http://projetotracaixa.blogspot.com.br/2011/10/breve-historico-do-parque-indigena-do.html>

A cidade como patrimônio



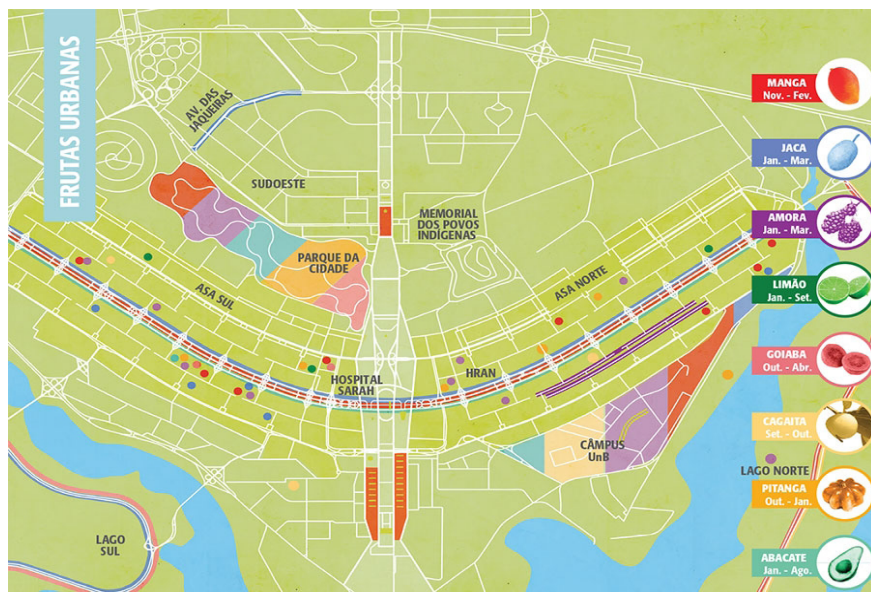
VISTA AÉREA DE BRASÍLIA

Foto: Silmara Küster

Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960 e 27 anos depois foi incluída na lista dos bens de valores universais da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o que lhe rendeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Isso se deve à relevância do Plano Urbanístico de Lúcio Costa, ao traçado arquitetônico de Oscar Niemeyer e ao paisagismo de Burle Marx que juntos construíram uma cidade moderna totalmente planejada.

Como cidade-patrimônio, Brasília poderia ser musealizada, como os Parques e Sítios apresentados anteriormente, pois junto à patrimonialização está presente a noção de registro e documentação para fins de preservação e de conservação, exposições a céu aberto e a relação com o público local e visitante, que pode ser enriquecida na dinâmica da prática social.

A imagem que se segue apresenta o mapa das frutas urbanas feito por Gabriela Bandeira, estudante de arquitetura da Universidade de Brasília, mas poderia também localizar outras referências culturais da cidade, além dos monumentos, que possam ser inseridas nos circuitos de visitação, uso e apreensão, tanto por parte dos seus moradores, como pelos visitantes e turistas que passam por Brasília.



MAPA DAS FRUTAS URBANAS

<http://vejabrasil.abril.com.br/brasil/materia/historias-da-cidade-1159>

Portanto, Brasília é uma cidade passível de musealização.

MUSEOLOGIA SOCIAL

Até aqui percebemos as transformações ocorridas no campo da museologia, sobretudo no que se refere aos esforços para que ela se tornasse uma disciplina mais próxima às ciências sociais e humanas, logo, mais próxima do povo, das comunidades.

Essa aproximação se justifica especialmente pela necessidade de se garantir o direito à memória das populações historicamente menos favorecidas, social e economicamente, e que por isso mesmo sempre tiveram suas práticas e referências culturais excluídas da história que é contada nos livros didáticos.

Portanto, a museologia social surgiu como uma forma de reparar as lacunas deixadas pelos museus clássicos, que sempre se preocuparam mais em narrar a história dos vencedores e dos heróis da pátria do que dos grupos mais populares, passando a ideia equivocada de que esses grupos não produzem cultura.

Como se dá essa reparação?

Desenvolvendo processos museológicos diretamente nas (e com as) comunidades que expressem o desejo de reversão da história oficial e construção de uma história local, elaborada e legitimada pela própria comunidade.

Os resultados dessas práticas têm provado que as ações museológicas participativas promovem transformações expressivas nas comunidades que as desenvolvem, dentre as quais:

Sensibilização das comunidades para a preservação de suas histórias e memórias locais;

Intercâmbio e articulação com outras comunidades, grupos populares e movimentos sociais;

Melhoria nas condições de vida das comunidades envolvidas.



PELO DIREITO DE DECIDIR O QUE SERÁ PRESERVADO

Uma das ações mais significativas que as comunidades têm desenvolvido é o Inventário participativo, que consiste na identificação, seleção e registro de acervos culturais com a participação dos grupos sociais locais.

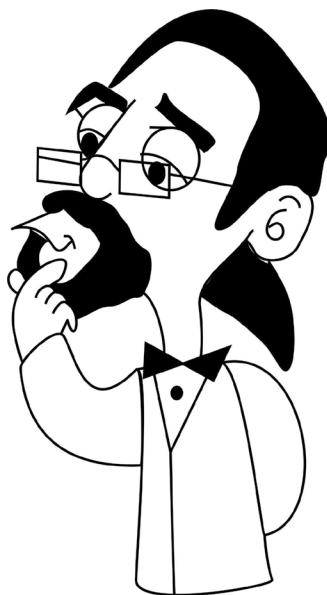
Essa ação tem contribuído especialmente para a valorização das pessoas que contribuem para o desenvolvimento da comunidade a partir de seus saberes e fazeres tradicionais e contemporâneos, o que também define as formas de organização social próprias da comunidade. **Constrói-se assim a identidade local.**

Exemplos de ações em museologia social:

Ponto de Memória da Estrutural, Brasília, DF

O Programa Pontos de Memória é coordenado pelo Instituto Brasileiro de Museus, do Ministério da Cultura, e tem por objetivo apoiar iniciativas de museologia social e incentivar as práticas e processos museais em comunidades formadas por grupos que historicamente tiveram seus direitos de registro de memória negados pelos museus clássicos e pelo próprio Estado.

A Estrutural é uma comunidade que se desenvolveu entre as margens da Via Estrutural e o lixão da cidade que fica numa área nobre de Brasília, ao lado do Parque Nacional e a poucos quilômetros da Praça dos Três Poderes, símbolo maior do poder do Estado brasileiro. Portanto é uma área valorizada pela especulação imobiliária.



O Ponto de Memória começou a se desenvolver a partir da exposição que foi pensada como Movimentos da Estrutural, com o objetivo de apresentar a história de luta da comunidade pela permanência no território e da busca por soluções para autossustentabilidade e inclusão social dos moradores.

Como?

Valorizando o cotidiano da comunidade, suas mobilizações pela moradia e infraestrutura, o reconhecimento da comunidade por parte do Estado, a educação informal das crianças através da ludicidade e o papel da mulher na organização social da Estrutural.



ELABORAÇÃO DA FACHADA DO PONTO DE MEMÓRIA DA ESTRUTURAL, BRASÍLIA, DF
AUTOR THIAGO MARTINS

Foto: Ponto de Memória da Estrutural

Hoje a Estrutural conta com várias ações que têm contribuído para o alcance desses objetivos, como a Editora Popular Abadia Catadora, que publica obras poéticas e literárias de jovens escritores da comunidade a partir da ideia de reciclagem de papel, e o Banco Comunitário, que criou uma moeda própria chamada Conquista, para estimular o comércio local e a circulação do dinheiro na própria comunidade.

Saiba mais sobre os projetos sociais e ações na comunidade da Estrutural através do site <http://memoriaestrutural.blogspot.com.br/> e visite o local.

Museu de Favela (MUF), Rio de Janeiro, RJ

O Museu de Favela (MUF) também está incluído no Programa Pontos de Memória, mas já adquiriu autonomia, através de seus projetos sociais que viabilizaram parcerias. O M U F integra os morros do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo a partir do desenvolvimento de projetos sociais nas três comunidades, com o objetivo de transformar o morro em atrativo turístico do Rio de Janeiro, de modo a promover melhoria de vida às mais de 20 mil pessoas que residem na localidade.



MUSEU DE FAVELA RIO DE JANEIRO

<http://www.museudefavela.org/en/galeria/imagens-e-fotos/category/7-roteiro-casas-tela-2010>

É o primeiro museu de território de favela do mundo. Um dos projetos que mais trouxe visibilidade foi o Roteiro das Casas Telas que transformou a favela numa galeria de grafite a céu aberto.

No roteiro, a história de ocupação do Morro e as memórias dos moradores da favela são contadas nas fachadas de casas residenciais distribuídas em diversos pontos das três comunidades, provocando a visita em todo o território, a partir da qual é possível também vivenciar a dinâmica social da favela, suas belezas e seus desafios para uma vida mais digna.

Saiba mais sobre os projetos sociais e ações na comunidade através do site <http://www.museufavela.org/> e visite o local.



QUAL O PAPEL DO MUSEÓLOGO?

Este olhar contemporâneo sobre a museologia conduz a um novo perfil do profissional museólogo que, para além das habilidades formais para o desenvolvimento das funções de pesquisa, documentação, conservação e exposição, deve se instrumentalizar com qualidades políticas, ou seja, compromisso social.

Além dos museus, o museólogo pode atuar também em galerias de arte, centros de referência e documentação, institutos de pesquisa, escolas, centros educacionais, universidades, jardins botânicos, zoológicos, aquários, planetários, parques ecológicos, reservas naturais, sítios históricos, sítios arqueológicos, empresas privadas, coleções públicas e particulares, produtoras de vídeo e imagem, teatros, arquivos, bibliotecas, cidades, monumentos, etc.

Como se tornar um museólogo?

O primeiro curso de graduação em museologia no Brasil foi criado no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, em 1932, pelo então diretor Gustavo Barroso. A criação de um curso de graduação voltado para a formação de profissionais para atuar pensamento teórico voltado para as práticas museológicas.

Assim, podemos considerar que o Brasil antecipou o desenvolvimento da museologia como disciplina científica. Em países europeus é possível identificar especializações na área, mas não uma formação voltada para a profissionalização do museólogo, como encontramos no Brasil.

O curso do Museu Histórico Nacional foi transferido para a Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 1979, quando já tínhamos o segundo curso brasileiro implantado, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde 1969.

Outros cursos só voltaram a ser criados a partir de 2004, por iniciativa e apoio da Política Nacional de Museus, no âmbito do Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que também estimulou a criação do Instituto Brasileiro de Museus, em 2008.

Para ser museólogo é preciso cursar a graduação em museologia que dura em média 4 anos, ou, após a formação em qualquer área, fazer uma pós-graduação em museologia, durante 2 a 4 anos. No Brasil temos em funcionamento 14 cursos de graduação e 3 pós-graduações, quais sejam:



14 CURSOS DE GRADUAÇÃO:

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – **UNIRIO** (1932)

Universidade Federal da Bahia – **UFBA** (1969)

Centro Universitário Barriga Verde - **Unibave** (2004)

Universidade Federal de Pelotas – **UFPel** (2006)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – **UFRB** (2006)

Universidade Federal de Sergipe – **UFS** (2007)

Universidade Federal de Ouro Preto – **UFOP** (2008)

Universidade Federal de Pernambuco – **UFPE** (2008)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – **UFRGS** (2008)

Universidade Federal de Minas Gerais – **UFMG** (2009)

Universidade de Brasília - **UnB** (2009)

Universidade Federal do Pará – **UFPA** (2009)

Universidade Federal de Goiás – **UFG** (2010)

Universidade Federal de Santa Catarina – **UFSC** (2010)

3 CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO:

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
(Mestrado e Doutorado)

Universidade Federal da Bahia(Mestrado)

Universidade de São Paulo (Mestrado)



PARA SABER MAIS...

Conselho Internacional de Museus

www.icom.org

Comite Internacional de Museologia

www.icofom-lam.org

Instituto Brasileiro de Museus

www.museus.gov.br

www.museologia.org.br

Conselho Federal de Museologia

www.cofem.org.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

www.iphan.gov.br

Curso de Museologia da UnB

www.museologia.fci.unb.br/

Conhecendo Museus TV Brasil

www.tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus

Museu de Favela

www.youtube.com/watch?v=5gvnrQMg_K8



REFERÊNCIAS

BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Record: Rio de Janeiro, 2003.

BRUNO, Cristina; ARAUJO, Marcelo; COUTINHO, M. Inês (Colab.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca, 2010. parte 2 , vol. 1.

CERÁVOLO, Suely M. Delineamento para uma teoria da museologia. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.12., pag. 237 a 268. jan/dez. 2004.

CHAGAS, Mario. Museu, memória e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 41. n. 41. 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Unicamp: São Paulo, 2003.

PRIMO, Judite. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v.16, n. 16. 1999.

SANTOS, Maria Célia. Reflexões museológicas: caminhos de vida. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 18. n. 18. 2002.

VARINE, Hugues. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento**. Porto Alegre: Mediatriz, 2012.

BRASIL. Decreto nº 8.124 de 17/10/2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Disponível em: www.museus.gov.br . Acesso em : 18 fev 2015.



MARIJARA SOUZA QUEIROZ



A autora é museóloga formada pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (2002) e mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFBA (2013). Trabalhou no Instituto Brasileiro de Museus (2010 – 2014) e é professora do Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB). Seu livro preferido é “Rick e a girafa”, uma coletânea de contos infanto-juvenis de Carlos Drummond de Andrade, que ela lê para os seus filhos antes de dormir. Dos contos, o preferido é “A doida”, que aciona sua memória afetiva e a conduz à infância vivida num povoado pequeno do interior da Bahia, Ramos, onde os “doidos” não são retirados do convívio familiar e social só por serem considerados “doidos” e, por isso, ocupam um lugar especial no imaginário coletivo.



Universidade de Brasília

Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Museologia

CONSELHO FEDERAL GESTOR
DO FUNDO DE DEFESA DE DIREITOS DIFUSOS
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SECRETARIA NACIONAL DO CONSUMIDOR

G O V E R N O F E D E R A L
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA